

A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*

de Tiaraju Pablo D'Andrea

Não é só contar uma história. É fazer! Das margens, nas margens e para além das margens.

It's not just about telling a story. It's about doing it! From the margins, within the margins, and beyond the margins.

por Carú Silva**

O livro “A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo”, do sociólogo Tiaraju Pablo D'Andrea, lançado em 2022, dentre tantas características e análises possíveis é, antes de tudo, uma genuína expressão daquilo que ele conceitua: *sujeitas e sujeitos periféricos*. Fruto da pesquisa realizada durante seu Doutorado em Sociologia, na Universidade de São Paulo. Nem sempre este tipo de adaptação de formatos é bem-sucedido, seja pelas perdas consideráveis do conteúdo e conhecimento produzido, seja por publicações que, embora transformadas em livros, continuam restritas à leitores especializados. Não foi o que aconteceu com a produção de Tiaraju D'Andrea.

A obra também pode ser considerada uma produção entre áreas do conhecimento, que pode confundir e constranger catedráticos adeptos da divisão do conhecimento hegemônica e própria de nosso período sócio-histórico. Por outro lado, subsidia os sujeitos sociais que trabalham com pensamento social complexo

* São Paulo: Editora Dandara, 2022.

** Mestra em Mudanças Sociais e Participação Política (EACH/USP); pesquisadora do Centro de Estudos Periféricos (UNIFESP); Zona Leste, São Paulo-SP, Brasil. End. eletrônico: brenda.barbosa@unifesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6230-9906>

nas e das margens. É também muito mais do que isso que identifico e do que propõe o autor, por questões que dialogaremos por aqui.

Na proposta do autor, o livro tem como intenção “contar uma história da desagregação da classe trabalhadora brasileira, paulatinamente derrotada pelo neoliberalismo a partir dos anos 1990. No entanto, ele conta também como a classe se reorganizou e produziu lutas, principalmente em lugares sociais e geográficos intitulados periferias urbanas” (D’Andrea, 2022, p.40). Para tal objetivo Tiaraju nos oferece o caminho percorrido em sua pesquisa de doutorado, mas, agora, com um conteúdo mais apurado, em alguns pontos ampliados, ao mesmo tempo suprimindo outras passagens, tornando mais concisos alguns argumentos, apreendendo e sintetizando nossa realidade contemporânea. Considero isso um amadurecimento e um florescimento de seu próprio trabalho, do próprio conceito, disseminado nas periferias urbanas e espaços acadêmicos desde 2013.

É também a sistematização de um conceito apreendido na vivência do autor, alçada a conceito teórico. “Teórico” não ter sido levado à universidade, mas pelo trabalho intelectual empreendido por Tiaraju e que por meio da dialética e de um *marxismo favelado*, como tem sido proposto por Helena Silvestre, busca compreender idealmente as complexas interações ocorridas junto a classe trabalhadora nas periferias urbanas de São Paulo.

Em 2013, quando a tese foi publicada, ela foi disseminada em espaços formais de produção de conhecimento e especialmente nos espaços de atuação dos coletivos culturais que fundamentaram a tese. Da tese ao livro o autor pôde ver o conceito que apreendeu ser disseminado, florescendo, e pôde apreender novamente esta realidade, aprofundando e avançando sua própria discussão, novamente vivificada e reiterada como realidade concreta e dialeticamente pensada.

Neste sentido, é importante também o alerta que o autor nos faz, alertando aos que se apropriam dessa formulação teórica sem referenciá-la adequadamente, atitude bem comum de pesquisadores que objetificam as periferias e se apropriam de sua produção de conhecimento – e que já não toleramos: “Vale a lembrança, *sujeitas e sujeitos periféricos* é um conceito sociológico, tem uma formulação que o embasa, deve vir em itálico e deve ser citada a sua fonte” (D’Andrea, 2022, p.48).

Um fato importante da conjuntura relativa à tese é que ela é publicada no primeiro ano de vigência das cotas raciais e sociais, coincidindo com o período em que se amplia o acesso de pessoas periféricas nas universidades, especialmente nas universidades públicas. Uma tese que parte da realidade periférica sem reduzi-la ao binômio violência e pobreza, e que a toma como lugar não apenas de “coleta” de dados para uma pesquisa, mas como modo de pensar a realidade social, é gigante. Esses sujeitos sociais estavam lidando com um conflito histórico no interior das universidades, sem ter nesse espaço muitas expressões daquilo que defendiam, propunham ou disputavam – por exemplo, o reconhecimento e a valorização de seus conhecimentos ante ao conhecimento hegemônico nas universidades. Este é

um impacto não mensurado, mas que eu, que vivi este período e tenho essa origem, bem como outros *sujeitos periféricos* conseguem perceber.

Infelizmente para mim a tese demorou um pouquinho mais para chegar, eu já estava na pós-graduação, e teria sido importante ela ter chegado antes – teria qualificado mais a atuação política e acadêmica daquela geração que adentravam as universidades públicas e poderia ter sido menos violento o desrespeito a nossa *dignidade intelectual*. Por isso, ser apresentada como um livro é um ganho também político.

Eu poderia dizer que demorou para a tese ter virado livro, contudo, estamos falando de um autor que esteve presente nas trincheiras de lutas sociais da última década – e não nos faltaram lutas - e de uma pessoa periférica, com todos os atravessamentos que isso significa para a realidade de um homem cis branco - se fosse uma pessoa negra ou uma mulher/pessoa trans, possivelmente essa resenha ainda não existiria

Nesse sentido, também merece o destaque o processo editorial do livro, afinal, quem publica o pensamento de *sujeitos periféricos*?

O rapper e educador popular Thiago Elniño, canta em um verso de “Pedagoginga” que “nem todo livro, irmão, foi feito para livrar, depende da história contada e de quem vai contar”. Em diálogo com este verso, acrescento que também importa considerar *quem* publica o livro. Neste caso, a Editora Dandara, uma editora independente, fundada em 2019, “cuja missão voltada à divulgação da intelectualidade marxista negra e da intelectualidade periférica se conjugava com o projeto político colocado em meus escritos” (D’Andrea, 2022, p.45), explica Tiaraju.

Assim, no capítulo 1, encontramos uma “Breve história do termo/conceito periferia: mutações e disputas” apresentando o percurso que construiu o significado do termo/conceito “periferia”. Se inicialmente o termo surge atrelado à academia, como objeto de estudo de urbanistas e cientistas sociais, em outro momento o seu significado passa a ser disputado pelos próprios moradores das periferias, além da indústria do entretenimento. É da preponderância periférica que se reconhecerá os elementos que constitui o conceito *sujeito periférico*. E só um sociólogo periférico para produzir tal compreensão.

O capítulo 2 “1993: neoliberalismo, violência e pobreza” é um capítulo primoroso e fundamental. A capacidade de síntese e de análise conjuntural quanto ao que ocorreu nos anos 1990 nas periferias urbanas de São Paulo condensadas no ano de 1993 apresentada por Tiaraju é sagaz! Embora concentre-se em 1993, é o capítulo que apresenta o cenário caótico, “Espécie de fundo de poço ou abismo social, síntese de falta de perspectivas e do desespero, tal situação gerou vários fenômenos sociais formulados pela população dos bairros populares e outros formulados exteriormente aos espaços periféricos, visando a superação histórica daquelas condições apresentadas” (D’Andrea, 2022, p.90-91)

No capítulo 3 Tiaraju apresenta alguns “Processos sociais ocorridos nas periferias a partir da década de 1990 visando diminuir a violência”. Ele sistematiza e analisa as soluções propostas por sujeitos externos às periferias e as soluções formulados por sujeitos internos das periferias. Desta formulação, identifica Evangélicos, PCC e Coletivos Culturais como uma expressão da necessidade de uma ética regulatória nas relações sociais das periferias, ante a realidade neoliberal vivida nas periferias, especialmente na década de 1990. E é a partir dos Coletivos Culturais que será mais nítido reconhecer *sujeitos periféricos*. Para Tiaraju (e para bem mais de outros 50 mil manos), os Racionais MC’s é a melhor expressão deste período histórico.

Por isso a obra do Racionais MC’s, especialmente a que sintetiza aquele tempo histórico é analisada pelo sociólogo no capítulo 4: “Estas temáticas auxiliaram na criação de um imaginário das e sobre as periferias nas últimas décadas. Do retrato fiel das dores ao incentivo das potencialidades, a narrativa engendrada pelos Racionais balizou a forma de pensar e o fazer político de uma geração moradora dos espaços periféricos” (D’Andrea, 2022, p. 140)

No capítulo 5, o autor se dedica aos Coletivos Culturais das Periferias e responde de forma sistematizada por que a periferia foi fazer arte, “Ou por que entre os anos 1990 e 2020 aumentou consideravelmente a produção artística na periferia?” Das respostas encontradas, organiza 5 motivadores, com um rol de 18 sub-motivadores. Além disso, apresenta três teses gerais (nóis por nós, tecnológica e gestão da pobreza) que nos possibilita compreender melhor os coletivos culturais das periferias e as encruzilhadas de sua atuação.

No sexto capítulo o autor propõe reflexões para compreendermos Periferia como compreensão alargada e contemporânea da classe trabalhadora. Ao fazer isto, ele responde-se às críticas acríicas de quem não tinha entendido nada (ou não queria entender) e que, praticamente “acusava”, a tese e o autor (e outros *sujeitos periféricos*), de “identitaristas”. Ao passo que na realidade a discussão proposta aprofunda, retoma e atualiza a chave analítica das classes sociais na sociedade capitalista na particularidade brasileira, a partir da experiência territorial desta classe: as periferias urbanas.

Após este percurso, chega-se ao capítulo 7, dedicado a apresentar o conceito em si. Aqui não cabe resumo, é necessário a leitura. Tiaraju explicita a construção do conceito. Fala de *vivência, habitus, experiência, subjetividade, identidade*, consciência periférica, conceito de sujeito, códigos culturais compartilhados, consciência de pertencimento, agir político... O encadeamento dessas ideias, permite a construção do conceito que passa por assumir sua condição de *periférica* ou *periférico*; tem orgulho desta condição e age politicamente a partir da condição de *periférica* ou *periférico*.

O autor ainda recupera as características históricas e contextuais da atuação política de sujeitas e sujeitos periféricos. Dos 14 pontos elencados, destaco o que indica a utilização de periferia como classe; periferia, periférica, periférico e favela

como posicionamento político; a periferia como conceito, a passagem de objeto de estudo a sujeito do conhecimento e o fim da necessidade de mediadores.

Cabe lembrar também que, nas últimas décadas, o principal produtor e veiculador de uma narrativa ressemantizadora de periferia foi o movimento artístico e cultural, que também auxiliou no processo social de tomada de consciência de pertencimento a um determinado espaço por parte de moradoras e moradores. Quando essa tomada de consciência foi motivo de orgulho, e não de vergonha, construiu-se um novo entendimento de si próprio. Quando o indivíduo portador desse orgulho agiu politicamente no espaço para a superação das desigualdades urbanas, econômicas, sociais, raciais, de gênero e contra todo tipo de opressão, conceitua-se neste livro como sujeita e sujeito periférico (D'Andrea, 2022, p.239).

O livro ganha relevância por esta história nunca ser a que é contada. No entanto, o autor ainda nos alerta: “o problema não é só lutar para contar uma história. A questão principal é fazer a história (D'Andrea, 2022, p.206)

O que se pretende é construir uma análise da sociedade que parta das periferias. É a periferia analisando e compreendendo a si própria e no mesmo movimento olhando a totalidade da sociedade, analisando, compreendendo e propondo um novo projeto de futuro. A história da periferia nos últimos trinta anos não é nenhuma história gloriosa, é simplesmente a sua história (D'Andrea, 2022, p. 61-62).

Eu aguardarei animadamente a publicação desse livro. Desde meu encontro com a tese, que para mim só chegou em 2017, ela foi um divisor. Nunca havia encontrado nas produções acadêmicas contemporâneas um conhecimento que traduzisse tão bem e nitidamente articulava aquilo que como uma pessoa periférica eu havia vivido, que como uma pessoa pesquisadora eu inquiria e interpretava e que como *sujeita periférica*, me expressava e agia. Para uns, não é necessário o reconhecimento pessoal daquilo que se lê. Para nós, é fundamental.

Com isso, também é valioso observarmos o que as demais sujeitas e sujeitos periféricos têm produzido. Não pela espetacularização de sua produção, mas pelas desdobras e novos conhecimentos que têm produzido, das margens, nas margens e para além das margens.